

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Do grito da terra ao recado do morro: ouvir e habitar o fim do mundo

Maria Cristina Franco Ferraz, Roberto Robalinho Lima

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20261151>

Submetido em: 2026-07-24

Postado em: 2026-07-24 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

10.1590/2596-304x202628e20261151

Varia

Do grito da terra ao recado do morro: ouvir e habitar o fim do mundo

From the Earth's scream to the mountain's message: listening and inhabiting the end of the world

Maria Cristina Franco Ferraz¹

<https://orcid.org/0000-0001-5142-8734>

Roberto Robalinho Lima²

<https://orcid.org/0000-0001-7642-9805>

UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Submissão: 05/04/2026

Aceite: 03/07/2026

mcferraz@hotmail.com

Rrobalinho78@gmail.com

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de uso de IA:

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

¹ Este artigo foi escrito com o apoio financeiro da Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq/processo 306262/2024-0

² Este artigo foi escrito com o apoio financeiro da Bolsa Pós Doutorado Junior FAPERJ/CNPq/processo: 151094/2023-3.

Declaração de Contribuição dos Autores:

Maria Cristina Franco Ferraz: Conceitualização, metodologia, redação do manuscrito original, redação revisão e edição.

Roberto Robalinho Lima: Conceitualização, metodologia, redação do manuscrito original, redação revisão e edição.

Editor-Chefe: Andrei dos Santos Cunha.

Editor Executivo: Anderson Bastos Martins.

Editoras Associadas: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima.

RESUMO

O artigo explora dois textos ficcionais modernos, *When the earth screamed*, de Conan Doyle (1928), e *O recado do morro*, de Guimarães Rosa (1956), contrapondo dois regimes ficcionais em que se dá uma escuta geológica: o grito e o recado. No conto de Doyle, tratada como organismo feminino e violentamente perfurada por um cientista moderno, a Terra solta um grito pavoroso e ameaçador que denuncia a *hybris* extrativista. Já em Rosa, o Morro da Garça sussurra um recado em aberto, que entra em deriva, perambula, vai-se transformando em múltiplas traduções e traições, costurando vínculos. Diferente do grito traumático, o recado é polifônico; produz uma relação imanente com a terra e seus viventes. Essa reflexão dialoga com urgências do pensamento atual, tanto europeu quanto brasileiro, que procura saídas e novos modos de *aterrar* em um mundo ameaçado pela crise climática e suas implicações.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Conan Doyle; 2. Guimarães Rosa; 3. crise climática; 4. ficções geológicas; 5. filosofia da imanência.

ABSTRACT:

The paper explores two modern fictional texts, *When the Earth Screamed*, by Conan Doyle (1928), and *O recado do morro*, by Guimarães Rosa (1956), comparing two fictional regimes related to a geological listening: the scream and the message (*recado*). In Doyle's story, the Earth—treated as a female organism and violently pierced by a modern scientist—releases a dreadful and threatening scream that denounces an extractivist *hubris*. In Rosa's work, the *Morro da Garça* (Heron Mountain) whispers an open-ended message that engenders a *becoming* regime: gradual transformations, multiple translations and betrayals, creating bonds. Unlike the traumatic scream, the *recado* is polyphonic; it generates an immanent relation with the land and its living beings. This reflection engages with pressing concerns in contemporary thought, both European and Brazilian, which seeks new ways of grounding and reinhabiting a world threatened by the climate crisis and its implications.

KEYWORDS: 1. Conan Doyle; 2. Guimarães Rosa; 3. climate crisis; 4. geological fiction; 5. philosophy of immanence

“Desta terra, nesta terra, para esta terra. E já é tempo.” (Oswald de Andrade)

1. Introdução: chamados da Terra

O pensamento contemporâneo tem-se inquietado com um problema premente: o que fazer diante de um mundo que se encaminha para uma catástrofe climática? Um dos pontos em debate diz respeito à compreensão de um acontecimento de tal magnitude, que afeta todo o planeta, mas cada lugar de uma maneira diferente. Certamente, um problema de escala, mas igualmente de linguagem, no sentido de emprestar materialidade a um acontecimento que, apesar de planetário, é experimentado singularmente por cada vivente. O pensamento é, por isso, necessariamente situado e, ao mesmo tempo, partilhável.

Dentre as reflexões mais instigantes, encontramos o trabalho de Bruno Latour, que nos dirige diretamente a questão *onde aterrar?* (Latour, 2020), quer dizer, como assentar a vida em uma Terra esgotada, que não é mais estável. Torna-se cada vez mais evidente que ela é constantemente atravessada por perturbações e imprevisibilidades. Respondendo a essa urgência, Latour propõe a noção de Terrestre: “O Terrestre delinea literalmente um outro mundo, que é tão diferente da ‘natureza’ quanto daquilo que chamávamos ‘mundo humano’ ou ‘sociedade’” (Latour, 2020, p. 99). Afastando-se de velhos binômios fundantes da modernidade, tais como as dicotomias natureza/cultura, indivíduo/sociedade, o trabalho do autor nos convida a uma “imersão nas mil dobras da terra” (p. 99).

A crítica à modernidade realizada nesse livro de Bruno Latour se desdobra em diferentes direções. De saída, enfatiza a necessidade atual, face ao negacionismo climático, de revalidar e de reposicionar politicamente o papel das ciências e seus modos de atuar. No lugar de uma ciência que trata o solo e os outros-que-humanos (Haraway, 2023) como recursos a serem indefinidamente explorados pelos humanos, propõe-se uma

virada epistemológica despida da arrogância *desinteressada* das “ciências da natureza-universo”, em favor de “ciências da natureza-processo”, em que todos, atores humanos e não humanos, se encontram necessariamente implicados.

Contrapondo-se tanto ao excepcionalismo humano quanto ao individualismo utilitarista inerente ao capitalismo, e se distanciando do pressuposto moderno segundo o qual “a liberdade dos humanos se desdobrava num cenário natural” (Latour, 2020, p.100), Latour sugere um sistema de geração não mais interessado em “produzir bens para os humanos a partir de recursos, mas em *gerar* os terrestres - todos os terrestres e não apenas os humanos” (*idem, ibidem*, p. 101). O autor ressalta a importância de cultivar vínculos em uma nova direção, não submetida à lógica norteadora do projeto de emancipação moderno, mas a partir do “valor recém-descoberto da dependência” (*idem, ibidem*, p. 101). Nada mais antimoderno e antineoliberal do que valorizar justamente a dependência, a interligação efetiva de todos os viventes entre si e com o planeta.

Em diálogo com o trabalho de Donna Haraway no livro *Ficar com o problema*, Latour sugere, no lugar do termo *humanos*, a noção de *terrestres*. Em inglês, *earthbound* (*idem, ibidem*, p. 105), palavra que sinaliza uma ligação radical com a terra, soando como um destino. Retomando Haraway, Latour salienta o que está contido etimologicamente na raiz da palavra *humano*: *húmus*, o composto. Tal vínculo com a terra não se restringe à sua dimensão física. Manifesta-se igualmente em certa forma emaranhada e composta de produzir pensamento enredado com o mundo e com uma trama de pensadores, artistas e ativistas. É o que têm procurado fazer autoras como Donna Haraway, Isabelle Stengers, Vinciane Despret, Anna Tsing e Marisol de la Cadena. Cabe salientar que várias dessas pesquisadoras se referem tanto a Bruno Latour quanto a Virginia Woolf, especialmente ao livro *Três guinéus* (Woolf, 2019), publicado em 1938, procurando responder ao apelo *Think we must!* (Temos de pensar!), exclamação exasperada da autora inglesa que articulou patriarcado e militarismo às vésperas da Segunda Grande Guerra.

Em *Ficar com o problema* (Haraway, 2023), uma referência fundamental é a filosofia de Hannah Arendt. Em *Eichmann em Jerusalém* (Arendt, 1999), o tema da *banalidade do mal* é diretamente associado à incapacidade de pensar, ou seja, à inaptidão de deslocar-se de sua própria vivência em direção ao outro, ao mundo, em todos os seus sentidos. No ensaio *Truth and politics* (Arendt, 2006), também mencionado por Haraway no mesmo livro, Arendt caracteriza o pensamento como uma maneira de se libertar dos seus próprios interesses privados e, na contramão do capitalismo utilitarista, treinar a

mente para sair em visita (*go visiting*). Pensar é, para Arendt, condição de possibilidade para se ampliar e estender a apreensão do mundo. Em sua leitura singular da *Crítica do juízo*, de Kant, Arendt sublinha que o treinamento para produzir uma *mentalidade alargada* requer o trabalho constante da imaginação e dos afetos (Assy, 2015).

Como as feministas especulativas acima citadas, e na esteira de Arendt, Haraway também aposta na potência da imaginação e da ficcionalidade com vistas a criar presentes e a engendrar futuros, libertando o pensamento de afetos desmobilizantes como a indiferença e o desespero. A autora atualiza o tema da *banalidade do mal*, referido à obediência cega a clichês (bem como a cliques e rolagens), sob o modo de um descaso e de uma insensibilidade que tendem a favorecer o “desastre do Antropoceno, com seus genocídios e especicídios intensificados” (Haraway, 2023, p.71). Não há escuta do mundo nessa espécie de surdez instalada no vazio do pensamento, na demissão de toda reflexão crítica.

O que seria uma escuta da *catástrofe por vir*? (Stengers, 2015). Procurando dar corpo às discussões e perguntas colocadas pelos autores até aqui convocados, e apostando na eficácia da ficção para imaginar saídas para o presente, propomos tematizar dois textos ficcionais publicados ao longo do século XX: *When the Earth screamed* (*Quando a Terra gritou*, Conan Doyle, Inglaterra, 1928) e *O Recado do Morro* (Guimarães Rosa, Brasil, 1956)³. Escritos em momentos históricos e em países assimetricamente situados, e malgrado a incomensurabilidade entre ambos os textos, há vozes geológicas que neles se expressam. No caso de Doyle, um grito irrompe das entranhas da Terra fustigada por um experimento científico espetacularizado. No centro da aceleração extrativista e industrial, embora se reconheça a terra como um organismo vivo, o que dela se ouve são apenas ruídos assignificantes. No conto de Rosa, que se passa em uma área rural de uma ex-colônia, a terra manda um recado. Sussurrado pelo Morro da Garça, esse recado entra em um curioso circuito de variações e derivas até ganhar um sentido preciso, mas não fechado. Do grito ao recado, da Inglaterra ao Brasil, do então centro do império às margens da periferia, escutemos como essas ficções modulam o Terrestre e como podem reverberar no mundo presente ameaçado.

³ As citações de ambos os textos estarão referidas às seguintes edições: Doyle, 1963; Rosa, 1978. No caso de Doyle a tradução é nossa.

2. Chamados da Terra: o grito europeu

O conto de Conan Doyle é marcado por humor e fina ironia. O narrador, Peerless Jones, engenheiro especializado em poços artesianos, é contratado por um excêntrico cientista chamado Challenger para realizar um experimento inédito: perfurar a camada que está além da crosta terrestre, a mais ou menos oito milhas de profundidade, para verificar sua tese de que a Terra seria, no fundo, um organismo vivo⁴. De início, vale comentar os nomes dos personagens principais que, por si só, já dão o tom do texto em inglês. *Peerless* tem o sentido de *único, excelente, superior*, mas também evoca a ideia de que o narrador, um engenheiro, é desprovido (*-less*) da capacidade de aguçar sua curiosidade e de perfurar as camadas mais superficiais do já conhecido. Com efeito, o verbo *to peer* significa espreitar, perscrutar, o que também implica ir além dos sentidos estabelecidos. Essa limitação não passa despercebida para o arrogante e truculento cientista, que não perde nenhuma chance de acentuar sua superioridade em relação ao técnico engenheiro carente de imaginação.

Para o amigo do narrador que intermedia o convite do cientista ao engenheiro, Challenger é caracterizado como um gênio, como o “maior cérebro da Europa, um lunático inspirado” e, ao mesmo tempo, um *primitive cave-man in a suit* (um homem das cavernas primitivo trajando um terno [p. 548]). Inevitável lembrar, nesta passagem, o conto de Kafka publicado em 1917, *Um relatório para uma academia* (Kafka, 2011), no qual um macaco relata o processo de sua humanização e, em seu discurso para pesquisadores, macaqueia os protocolos e a linguagem acadêmica, além de questionar o valor da liberdade em favor da ideia vitalmente orientada de encontrar *saídas* (*Auswege*). O personagem de Challenger emblematiza a arrogância científica que preconiza a liberdade da mente humana e se arvora o direito de violentar a Terra. Ao mesmo tempo, sua figura caricatural ironiza a própria ciência voltada para si mesma e, também ela, pobre de imaginação.

Challenger é, portanto, simultaneamente um exemplar do cientista moderno e sua paródia crítica. Derivado do verbo *to challenge* (desafiar), seu nome alude tanto ao

⁴ O personagem Challenger está presente em várias obras de Doyle. Ele também é o protagonista dos romances *O mundo perdido* (1912), *O cinto venenoso* (1913), *A terra da neblina* (1926) e do conto *A máquina de desintegração* (1927). O conto *When the World Screamed*, de 1928, é a última obra de Doyle em que Challenger comparece.

impulso científico quanto ao motor do capitalismo, com suas metas inalcançáveis e obstáculos a serem indefinidamente transpostos. Desafios infindáveis podem ter respostas inquietantes e ominosas. Lembremos que, em 1986, o ônibus espacial da Nasa chamado *Challenger* explodiu 73 segundos após seu lançamento, matando, por conta de uma falha técnica, seus sete tripulantes. No caso do conto, o grande desafio e motivação de Challenger é a ciência vista como busca incessante de conhecimento. Essa busca também implica riscos e perigos.

A *hybris* de Challenger se expressa no desejo de se tornar o primeiro homem a chamar a atenção da Terra e a forçar este *organismo vivo* a se comunicar com ele. Sobre este ponto, eis o sardônico comentário do narrador, que arremata o conto: “It has been the common ambition of mankind to set the world talking. To set the whole world screaming was the privilege of Challenger alone.” (Tem sido a ambição comum da humanidade pôr o mundo a falar. Fazer o mundo todo gritar foi privilégio de Challenger apenas. [p. 577]). Observe-se que o verbo utilizado no trecho acima citado - *to set* - é em geral empregado com relação a máquinas e a tecnologias. Além de objetificado, o mundo, mesmo quando tratado como um imenso organismo vivo a ser subjugado, equivale a uma máquina a ser acionada e pressionada a se expressar. Como se afeto e sensibilidade fossem monopólio da humanidade. Chama ainda atenção, no trecho citado, a generalização de um desejo tomado como inerente à toda a espécie humana (*mankind*), indicando seu eurocentrismo colonialista subjacente, uma vez que se desconhecem práticas de culturas que elaboraram diversas formas de conversar com o planeta, com outros vivos e com seus mortos.

O conto de Doyle inclui certos detalhes saborosos. Por exemplo, Challenger tinha realizado, anteriormente, pesquisas na Amazônia, na região do Rio Madeira⁵. Nessa expedição, salvou um bebê indígena acometido por catapora, carregando-o nas costas por cem milhas, do fundo da floresta até as margens do rio. Assim, em suas expedições pelos trópicos, o cientista revelou-se também um herói humanista. Por conta de seu prestígio, recebeu como herança, de um barão da borracha (mais uma referência extrativista), uma grande região para realizar sua exploração científica em Sussex, Inglaterra. De início, deseja provar que há, no solo de seu país, petróleo a ser extraído. Mas seu impulso megalomaniaco e narcisista - no dizer de um crítico, “a typical victim of the Jehovah

⁵ Vale lembrar que, em *O mundo perdido* (1912), o primeiro romance em que Challenger aparece como protagonista, o cientista lidera uma expedição aos confins da Amazônia, onde descobre um platô isolado habitado por dinossauros e homens das cavernas. A viagem do homem racional ilustrado à selva primitiva do país colonizado ecoa narrativas imperialistas e evolucionistas da época.

complex” (uma vítima típica do complexo de Jeová [p. 571]) -, o leva a alterar sua pesquisa e a realizar o “maior experimento da história do mundo” (p. 552).

Se a visão de Challenger sobre a Terra como um organismo vivo soa atual, seu raciocínio de cunho analógico distancia-se da perspectiva moderna. Eis a premissa lapidar de seu procedimento: “Nature repeats itself in many forms regardless of the size.” (A natureza repete a si mesma em muitas formas, independentemente do tamanho. [p. 553-554]). Desse modo, o cientista supõe que, como ser vivo, a Terra teria circulação, respiração e sistema nervoso, um córtex sensível⁶ e conclui que a Terra é um “animal gigante” (p. 553). Para ilustrar, em uma escala reduzida, sua tese para o engenheiro, serve-se de um ouriço-do-mar como modelo explicativo. Respondendo à indagação de Peerless a respeito da nutrição desse animal, Challenger esclarece que a Terra, que se move no espaço, se alimenta do éter que atravessa seus minúsculos poros, tal como a água que, penetrando no ouriço-do-mar, o provê de nutrientes (p. 554). Moderno e não moderno; atual e inatual, Challenger pretende *intimar* esse gigantesco animal a reconhecer a existência desse ilustre cientista. Convoca o organismo abissal para testemunhar, no espetáculo montado para um grande público de jornalistas, acadêmicos e curiosos, o “remarkable triumph of mind over matter” (o triunfo extraordinário da mente sobre a matéria p. 570).

A mente triunfante estabelece uma relação brutal com a matéria. Apesar de o planeta ser visto, de modo geral, como um objeto inanimado comumente referido pelo pronome pessoal neutro inglês *it*, Challenger se utiliza do pronome feminino *she*, associando a Terra à expressão corrente *Mother Earth* (Mãe Terra). Entidade feminina, ela é caracterizada como extremamente sensível e nervosa: “(..) all nerves and sensibility beneath that protective crust.” (toda nervos e sensibilidade por debaixo da crosta protetora [p. 555]). O gesto agressivo de perfurar, esmagar, implodir a crosta terrestre cruza a prática racional científica e extrativista com a violência exercida pelo homem sobre o corpo da mulher, tradicionalmente reduzido, no ocidente, a “nervos e sensibilidade”. As relações correlatas ciência/Terra e homem/mulher se disseminam por todo o texto. Basta lembrar o trabalho que Challenger solicita a Peerless: “you have to sink your drill into

⁶ Uma das marcas da Modernidade é justamente a separação entre homem e natureza, divisão gradual que, como nos indica Phillipe Descola (2023), ocorre a partir do Renascimento e se completa no século XIX. Nesse contexto, a história natural é desvinculada da história humana, e passa a ser vista como uma linha evolutiva estática, em que quase nada se movimenta ou muda. Sobre a cisão entre história natural e humana, ver o artigo seminal de Dipesh Chakrabarty intitulado *O clima da história: 4 teses* (2013).

jelly” (Você precisa afundar sua broca na gelatina [p. 557]). Nesse sentido, o texto também sugere conotações sexuais.

O ato de perfurar o poço artesiano é equiparado, por Challenger, à picada de um mosquito (p. 556): a probóscide⁷ do mosquito que penetra a pele, além de evocar, no contexto do conto, o ato sexual, remete de certo modo a uma espécie de vampirismo. Ao mesmo tempo, ao usar essa imagem, Challenger também reduz o engenheiro a um inseto. A relação truculenta entre a racionalidade científica e a Terra reforça a ideia de submissão e dominação exercida por uma mente vampiresca que suga a vitalidade da matéria gelatinosa e vibrátil. É como se a existência desse organismo vivo pulsante, em escala planetária, significasse uma provocação acintosa para a mente triunfante, que não vê outra alternativa a não ser espezinhá-la e perfurá-la. Perante um ser vivo animalesco (como um ouriço-do-mar) e feminino, poderia haver outras alternativas, mas a única via tentada é a da violação.

Essa perspectiva é partilhada pelo técnico perfurador de poços artesianos. Eis como o engenheiro descreve o momento em que o *dardo de ferro* é introduzido na matéria sensível da Terra: “(...) my iron dart shot into the nerve ganglion of old mother Earth and the great moment had arrived. (meu dardo de ferro foi fincado no gânglio nervoso da velha mãe Terra e o grande momento tinha chegado [p. 574])”. A operação técnica e, sobretudo, a busca de Challenger pelo triunfo científico também incluem a expectativa do gozo. O cientista desejava ser o primeiro homem a deflorar a matéria viva, obrigando-a a reconhecê-lo e, sobretudo, a admitir seu domínio sobre ela.

O experimento final, tornado espetáculo para multidões - espetáculo de que as mulheres são afastadas para sua proteção -, acontece em um dia 21 de junho, solstício de verão muito festejado em países europeus. Tradicionalmente associado à razão e à sua iluminação radiosa, o sol preside ao espetáculo da Terra golpeada. Apesar de tudo ser vomitado e destruído pelo organismo irritado, Challenger colhe sua vitória e recebe os aplausos, girando solarmente em todas as direções cardeais: “The June sun shone golden upon him as he turned gravely bowing to each quarter of the compass. Challenger the super scientist, Challenger the archpioneer, Challenger the first man of all men whom Mother Earth had been compelled to recognize.” (o sol de junho brilhou dourado sobre

⁷ Probóscide é o aparelho bucal do mosquito, composto por seis finas agulhas que furam a pele para sugar sangue.

ele enquanto girava curvando-se, solene, para cada quadrante do compasso. Challenger, o super cientista; Challenger, o arquipioneiro; Challenger, o primeiro de todos os homens que a Mãe Terra foi compelida a reconhecer. [p. 577]).

No desfecho, após o grito estrondoso e terrificante da Terra, que expelle todo o maquinário introduzido no interior de seu corpo vivo, o buraco aberto em sua pele é selado por ela. No lugar da entrada do fundo poço ergue-se um pequeno monte de terra e entulhos. Sobre a ferida lacrada, a Royal Society, academia britânica composta por homens de ciência, planta um obelisco. O monumento coroa o sentido fálico que, como vimos, se entrelaça à temática do conto, cruzando violência científica e sexual. Se, por um lado, a vitória da ciência celebra o experimento, o grito lançado pela terra reverbera em todo o mundo. A história não termina nesse vitorioso *grand finale*. A última palavra é dada pela Terra, no remate acrescentado à narrativa.

Este epílogo relaciona-se com a experiência sensorial vivida anteriormente pelo cético engenheiro, quando este desceu às vísceras da Terra para armar o espetáculo final. Mesmo Peerless, cuja limitação se inscreve no próprio nome, passa a não poder mais ignorar aquilo que seus sentidos lhe revelam: a Terra é um organismo vivo. Primeiro percebe uma “palpitação lenta”, um “ritmo gentil”, pequenas “ondulações” (p. 568). Micro explosões na superfície gelatinosa sugerem movimentos respiratórios. É como se, a cada passo da montagem da máquina que irá perfurá-la, a Terra reagisse e seu ritmo se alterasse. Há no texto, nesse momento, uma intensidade de vida que se expressa em uma sinestesia tátil, visual e sonora. Peerless compreende que os movimentos ritmados e ondulatórios da substância encontrada no subterrâneo são indícios de uma possível vida, mas isso se transforma imediatamente em sinais de uma ameaça monstruosa.

Segundo a abordagem do engenheiro, em suas entranhas, a Terra “parece um animal esfolado” (p. 568), é ameaçadora e tão agressiva quanto a mais perigosa das feras. Como o capitão Ahab ante Moby Dick - a baleia tenaz do romance de Herman Melville publicado em 1851 -, Peerless exclama: “Good Lord! And am I to plunge a harpoon into the beast!” (Meu Deus! E logo eu terei de mergulhar um arpão dentro da besta! [p. 568]). Cada avanço dos técnicos no interior do profundo poço repercute nesse ser terrestre. Peerless assim descreve sua experiência tátil nesse processo: “a strange quiver and shiver” (estranhas vibrações e tremores [p. 569]) percorrem os muros do poço. Em um crescendo, as vibrações passam a ser sentidas por suas mãos como um “dull throb” (p. 569), uma

pulsção débil, um som de algo que vibra e é, simultaneamente, opaco em sua radical diferença.

Para Peerless, o organismo vivo parecia perceber o que estava por vir: “By some strange cosmic telepathy the old planet seemed to know that an unheard-of liberty was about to be attempted.” (Por uma estranha telepatia cósmica, o velho planeta parecia saber que uma licenciosidade inaudita estava para ser tentada. [p. 573]). Na sequência dessa telepatia telúrica, o organismo, descrito como um “boiling pot” (panela fervente [p. 573]), reage *simpaticamente* às intromissões sofridas, *re*-percutindo violentamente o sistema de percussão utilizado para penetrar suas entranhas: “the walls were throbbing and pulsing in sympathy” (as paredes estavam vibrando e pulsando em simpatia. [p. 573]). Finalmente, “the throb of life” (a pulsção da vida, [p. 573]) se manifestava de modo inegável. O conto sugere que a Terra foi torturada até confessar sua existência viva, através de um grito ensurdecedor.

Conforme vimos, a descrição do experimento narrado pelo engenheiro vai passando do tátil e vibrátil ao sonoro, preparando o grito da Terra. Se para os homens da ciência e da máquina a única ação possível diante do Planeta vivo eram a tortura e a violação, na ausência de um espaço político e diplomático⁸, à Mãe Terra só resta gritar com toda a sua energia geológica. Eis o que se escuta desse urro terrestre: “It was a howl in which pain, anger, menace, and the outraged majesty of Nature all blended into one hideous shriek. For one minute it lasted, a thousand sirens in one (...). No sound in history has ever equalled the cry of the injured Earth.” (Foi um uivo no qual dor, raiva, ameaça e a majestade da Natureza ultrajada se fundiram em um grito hediondo. Sua duração foi de um minuto, mil sirenes em uma (...). Nenhum som da história jamais igualou o grito da Terra injuriada [p. 575]). A comparação do grito com mil sirenes indica duas leituras: por um lado, trata-se de sons de alerta (sirenes); por outro, de uivos de sirenas (em inglês, *sirens*), antigas potências ctônicas, monstros marinhos que seduzem através de um canto ininteligível e levam à morte. Teriam todos os homens presentes ao espetáculo sido acometidos por um complexo de Odisseu?

⁸ Diversos autores, dentre os quais Latour (1994), Haraway (2023), Stengers (2011), Goldman (2023), Morizot (2016) e Rancière (1996), defendem a constituição de um espaço político a partir de uma linguagem comum capaz de abarcar diferenças irreconciliáveis entre humanos e outros-que-humanos, numa espécie de diplomacia cosmopolítica radical.

O grito atravessou o canal da Mancha e alcançou a França. Os efeitos tectônicos do experimento se fizeram presentes em larga escala: “Through every vent and every volcano she voiced her indignation” (Através de todo respiradouro e de todo vulcão, ela vociferou sua indignação [p. 575]). Um experimento realizado no centro do poder imperial atinge o planeta todo, que finalmente ganha uma voz. Ainda que os homens não consigam decifrar o que esta enuncia, ao menos percebem que se trata de uma entidade enfezada, conectada a todo o planeta. Segundo o texto, vulcões explodem destruindo vinhedos na Itália, enquanto atividades plutônicas são sentidas no México e na América Central. A Terra ejacula, por um gêiser, substâncias que, semelhantes ao piche, grudam nas pessoas e em suas habitações. Trata-se, explica o texto, de uma espécie de “secreção protetora” fedorenta, que age como defesa contra “intrusive Challengers” (p. 575). Contra todo tipo de desafiante intrusivo.

Se a Europa moderna foi assombrada pela possibilidade desse grito, nas terceiras margens da cultura brasileira a Terra manda recados. Enquanto o grito é assignificante e exprime um corte traumático na relação homem/natureza, o recado cria vínculos em um processo de abertura e indeterminação. No recado, o sentido não se estabiliza. Ele é infinitamente negociado, composto e vivido, em uma travessia incessante dos humanos entre si e com a natureza. Como não se trata de uma *mensagem* unívoca e fechada, à diferença do grito, pode salvar e redirecionar uma vida. É o que veremos a seguir, explorando alguns entremeios do conto de João Guimarães Rosa intitulado *O recado do morro*.

3. Chamados da terra: o recado brasileiro

No conto de Rosa, um cortejo segue uma trilha sinuosa, viajando pelos Gerais. A viagem começa em Cordisburgo, cidade natal (e do coração) do autor, descrita como “o lugar mais formoso, devido ao ar e ao céu, e pelo arranjo que Deus caprichara em seus morros e suas vargens” (Rosa, 1978, p. 11) O narrador lembra que, antes de se chamar Cordisburgo (vila do coração), “de primeiro, se chamara Vista-Alegre” (p. 11). Um coração alegre palpita no conto e reverbera no personagem Pedro Orósio. Insinua-se, assim, uma improvável leveza em um recado que indica traição e morte. As mesmas estrelas em Cordisburgo, no dizer do viajante estrangeiro, “eram as que brilhavam, talvez

no mundo todo, com mais agarre de alegria.” (p. 11) Esse afeto intenso, *agarre de alegria*, atravessa o texto.

A caravana é formada pelo enxadeiro Pedro Orósio, nascido no sertão dos campos-gerais, que segue a pé, guiando na frente, seguido por “três patrões” (p. 5), “gente de mando” (p. 10): um representante da igreja, Frei Sinfrão; Seo Jujuca do Açude, proprietário fazendeiro de gado, de uma família de donos de terra; e um estrangeiro, pesquisador naturalista de nome indecível, Alquiste ou Olquiste, por vezes grafado sem o “e” final. A própria oscilação da grafia mimetiza o iletramento dos catrumanos, ecoado e não *corrigido* pelo narrador. Diversas pistas, que não passaram despercebidas a comentadores⁹, indicam que o personagem do cientista remete ao naturalista e paleontólogo dinamarquês Peter Lund, que explorou a região da Gruta de Maquiné no século XIX. Não por acaso, o narrador conta que Pedro Orósio não entendia por que os três senhores comentavam que “tudo ali era uma Lundiana ou Lundlândia, desses nomes” (p. 11). O último do grupo de viajantes tange os burros cargueiros e se chama um tal de Ivo, “Ivo de Tal, Ivo da Tia Merência”, mais tarde referido como “Ivo Crônico” e suas corruptelas, desde logo indicando que se trata de um homem de rebanho, de um qualquer. Todos esses nomes, que também entram em derivas, corroboram o aspecto oral do conto, abrindo um amplo leque de inflexões.

Ao longo da jornada, o grupo se depara com uma série de personagens em extravio, sendo o primeiro Gorgulho, catrumano que vive entocado nas entranhas da terra, habitando há mais de trinta anos uma caverna compartilhada com urubus. É ele que traz o recado em sua primeira modulação: “Morte à traição, foi que ele Morro disse. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada, Del-rei, Del rei...” (p. 48). Esse recado, “que ninguém pediu” e que assombra quem ouve, parte do Morro da Garça, formação geológica onipresente em todo o percurso da viagem. Enquanto os tropeiros se movimentam, o morro testemunha a jornada. Embora imóvel, está sempre visível.

Numa espécie de ciranda dialógica, a partir de Gorgulho o recado é repassado e transmutado por uma série de personagens igualmente ex-cêntricos: um menino, único a prestar atenção nas palavras ditas por Gorgulho; o bobo Guégue, confidente do menino; o profeta NômineDômine, que traduz o recado passado por Guégue na linguagem bíblica

⁹ Cabe mencionar o livro *Viagem do recado* (2025, pp. 197-250), em que José Miguel Wisnik opera uma leitura muito rica e minuciosa do conto de Guimarães Rosa.

escatológica, condizente com seu nome e delírio; o coletor, um louco que conta obsessivamente as posses que não possui e contesta o fim do mundo alardeado; e, finalmente, o cantador Laudelim, apelidado de Pulgapé, que, ao modo de um *bricoleur*, engendra a canção, agenciando potências contidas no recado. Diz-se desse trovador, com sua *gaia ciência*, que “era dono de tudo que não possuísse, até aproveitava a alegria dos outros [...] mais gozando e sofrendo por seu violão” (p. 12) A canção é uma “dessas cantigas migradoras, que pousam no coração do povo: que as violas semeiam e os cegos vendem pelas estradas” (p. 64). Da canção de Laudelim o estrangeiro só percebeu “o profundo do bafo, da força melodiã e do sobressalto que o verso transmuz da pedra das palavras” (p. 64). A canção semeia e lapida versos a partir da pedra das palavras. Essas duas ideias indicam que se trata de uma visão da natureza como *phýsis*, em que tudo está implicado, inclusive a palavra.¹⁰

De modo sintético, o recado antecipa e prevê traição e morte. Cada passador do recado o transforma e traduz. Como *tradução* e *traição* são termos relacionados desde um antigo adágio, o que o recado do morro transmite (traição e morte) coincide com suas repetições traidoras. A velha cisão meio/mensagem não cabe no caso do recado; nele, os sentidos vão sendo gerados na medida em que são vividos e passados adiante, numa teia sem fim. Sem se fixar ou concluir, o recado depende de quem o recebe. Em uma de suas atualizações possíveis, chega até Pedro Orósio e o salva de uma cilada fatal, transformando inclusive, na sequência, seu modo de viver.

Pedro Orósio, também chamado de Pedrão Chãbergo e Pê-Boi, é um belo catrumano que suscita muitos ciúmes, invejas e ressentimentos em quase todos os homens locais, em especial em Ivo Cronhco. Pois todas as moças da região se sentem atraídas pelo forte e belo enxadeiro. Segundo o narrador, Pedro “era ainda teimoso solteiro, e o maior bandoleiro namorador: as moças todas mais gostavam dele do que de qualquer outro; por abuso disso, vivia tirando as namoradas [...] só por divertimento de indecisão” (p. 9). Admirador da beleza, robustez e graça (quase Garça, como o morro) de Pedro Orósio, o pesquisador estrangeiro lhe atribui os epítetos gregos fundidos também evocados por Platão: *kalós kàgathós* (belo e bom), expressão de um ideal que amalgama beleza física e virtude. O recado é ouvido por Pedro Orósio, em uma espécie de lampejo

¹⁰ Cf. a leitura efetuada por Bento Prado Júnior no artigo “O destino decifrado: linguagem e existência em Guimarães Rosa”, no qual enfatiza que, no conto de Rosa, não há separação entre as palavras e as coisas: “onde ainda não se dissociaram *logos* e *fisis*” (Prado Jr., 1985, p. 212). Cf. também o livro seminal de Marcel Detienne intitulado *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica* (Detienne, 1988).

(“Num pingo dum instante” [p. 69]), em um momento crucial: na emboscada que sete sertanejos, liderados por Ivo, armam contra ele, no final do conto.

Outros apelidos reforçam o contato íntimo do catrumano dos Gerais com sua terra (*Pedrão Chãbergo*, *Pê-Boi*) e com a própria montanha. Como se não bastasse ser Pedro, Orósio, curiosa inversão de Osório - um tipo de metátese comum na fala brasileira, como *largato*, em vez de lagarto, *estrupar*, no lugar de estuprar -, contém um dos termos do Grego antigo para montanha, *óros*, que também remete a entidades sagradas, filhas de Gaia (Terra) e desprovidas de pai. Pedro Orósio seduzia mulheres e mocinhas, sem querer se fixar; era uma espécie de montanha ambulante, que só quando escapa da morte na emboscada decide fixar-se em sua região de origem nos Gerais (de que sempre sentia saudades) e encontrar uma companheira. Confirmando a etimologia contida em seu nome, sua outra alcunha, *Chãbergo*, também abriga a palavra alemã *Berg* (montanha), com uma terminação aclimatada ao português. Portanto, o recado parte do Morro da Garça, imóvel e imemorial, e alcança Pedro, montanha que, de ambulante, termina por aterrar.

Essa aproximação entre Pedro Orósio e o morro é explicitada no texto: “muitos homens e rapazes lhe tinham ódio, queriam o fim dele, se não se atreviam a pegá-lo era por sensatez de medo, por ele ser turuna [destemido] e primão em força, feito um touro ou uma montanha.” (p. 9) Como um touro, seus “pés de sola grossa, experimentava-os firme em qualquer chão.” (p. 13). A montanha *Pê-Boi* não abriga ódios, mágoas, ressentimentos; é isento de negatividade: “Toda desavença desmanchava o agradável sossego simples das coisas, rendia até preguiça pensar em brigar.” (p. 10). Pedro Orósio é habitado por um *agarrar de alegria*. Em discurso indireto livre, o narrador exprime o que o personagem pensa e sente: “melhor estava que o Ivo retornasse às boas. A vida era curta para nela se trabalhar e divertir; para que tantas dificuldades? Prazia caminhar, isto sim, e estava bem gratificado. Cantava ou assoviava, e, pé-dobro, puxava estrada.” (p. 12) A expressão *puxar estrada*, com pés descalços, acentua uma conexão íntima e plena com a terra; ritmos e cantos acompanham os movimentos de Pedro e da história.

Após a introdução dos personagens e da viagem sinuosa, o conto se detém em uma longa descrição de aspectos geológicos da região. Cabe aqui salientar as diferenças entre a geologia literária de Rosa e a de Doyle. Como vimos, no poço profundo cavado pelo maquinário humano na costa inglesa, a terra é considerada como uma entidade gelatinosa, que respira por pulsações; associa-se a uma mulher sensível e nervosa a ser fustigada e mesmo violentada. Os Gerais de Rosa não podiam ser mais diferentes. Aqui as entranhas

da terra são descritas em tom de maravilhamento: “diversa é a região, com belezas, maravilha” (p. 6). O solo, montanhas, grutas existem para serem fruídos e usufruídos, e não expropriados.

Há de início uma série de composições que emergem da terra, em formações que lembram bichos, construções e gente: “Tudo calcáreo. E elas se roem, não raro em formas - que nem pontes, torres, colunas, alpendres, chaminés, guaritas, grades, campanários, parados animais, destroços de estátuas ou vultos de criaturas” (p. 6). Criar formas não distingue os humanos; é algo que a própria terra faz. Na sequência, o texto descreve grutas com suas bocas, goelas e dentes, conforme afirma a respeito das estalagmites: “crescidos dentes, como que aquelas sejam goelas da terra, com boca para morder” (p. 7). Se a terra possui dentes e uma boca para morder, se trata menos de uma ameaça, e mais de uma aproximação, de uma troca incessante entre vidas animais, vegetais e minerais. A terra tem boca como todo mundo, humanos e outros-que-humanos. Vale ainda destacar a relação *simpoética* entre cavernas, serras, bichos e homens, no sentido trabalhado por Haraway (2023), apontando as dimensões políticas e poéticas de um movimento de devir-com:

Ou lapinhas cheias de morcegos, que juntos chiam, guincham, porfiam. Largos ocos que servem de malhador ao gado no resfrio das noites, ou de abrigo durante as tempestades. Lapas, com salitrados desvãos, onde assiste, rodeada de silêncios e acendendo globos olhos no escuro, a coruja-branca-de-orelhas, grande mocho (...) E nas grutas se achavam ossadas, passadas de velhice, de buchos sem estatura de regra, assombração deles - o megatério, o tigre-de-dente-de-sabre¹¹, a protopantera, a monstra hiena espélea... (p. 7)

A paisagem está longe de ser um cenário inerte, passivo, à espera da ação humana, tal como pressupõe a teologia monomundista moderna. A Terra só existe como multiplicidade em devir. Compõe-se com todos os outros seres em uma verdadeira *sympoiesis*, um fazer-junto, uma criação polifônica de mundos que vai além de arranjos multiespécie. Composição também entendida em sua dimensão expressiva, como em “a força *melodiã* da pedra das palavras” ou em violas *semeadoras* de canções. Essa visão da terra distingue-se radicalmente da perspectiva extrativista e utilitarista; nesse sentido,

¹¹ Os fósseis da megafauna mencionados por Rosa são parte das descobertas do pesquisador Peter Lund durante sua estada na região da Gruta de Maquiné, no século XIX.

aproxima-se da geofilosofia de Deleuze e Guattari, que acentuam o caráter expressivo da terra e de seus viventes.¹²

A viagem guiada por Pedro Orósio traça uma cartografia multiespécie, com todos os seus ritmos, cores, cantos e contracantos. Há uma costura delicada de vínculos com aqueles que recebem, variam e amplificam o recado do morro. São recadeiros, vale lembrar, que habitam temporalidades distintas: Gorgulho parece reviver o tempo dos trogloditas, compartilhando há trinta anos sua caverna com urubus; como toda criança, o menino habita a temporalidade da infância, quando “tudo era falante, no inteiro dos campos-gerais” (p. 67); Guégue segue o tempo da dispersão, dos caminhos desviados que nem sempre chegam a um destino; NômineDômine vislumbra o tempo acelerado do fim do mundo e o alardeia; o coletor nega o fim do mundo anunciado, pois precisa de tempo para contar suas posses tão inesgotáveis quanto imaginárias; por fim, Laudelim temporaliza o recado em forma musical. Com pausas, repetições e ponteios, empresta ritmo ao caos¹³. Todas as variações e relações multiespécies tecidas ao longo do caminho eram necessárias para que, na ocasião do perigo, a temporalidade do *kairos* (“num pingo dum instante” [p. 69]) ocorresse, fazendo Pedro antecipar a emboscada. Em todo o conto, portanto, há uma convergência entre tempos geológicos e tempos afetivos, como na passagem que antecede a realização kairótica - oportuna, decisiva e pontual - do recado:

Agora vez, era que podia ter saudade de lá, saudade firme. Do chapadão - de onde tudo se enxerga. Do chapadão com desprumo de duras ladeiras repentinas, onde a areia se cimenta: a grava do areal rosado, fazendo pururuca debaixo dos cascos dos cavalos e da sola crua das alpercatas. Ou aquela areia branca, por baixo da areia amarela, por baixo da areia rosa, por baixo da areia vermelha - sarapintada de areia verde: aquilo, sim, era ter saudade! (p. 66)

¹² Contra uma visão utilitarista da natureza, Deleuze e Guattari afirmam que todo território, antes mesmo de ser uma morada, tem uma qualidade expressiva: “Cada território, cada habitat junta seus planos ou suas extensões, não apenas espaço-temporais, mas qualitativos: por exemplo, uma postura e um canto, um canto e uma cor, perceptos e afectos. E cada território engloba ou recorta territórios de outras espécies, ou intercepta trajetos de animais sem território, formando junções interespecíficas. É nesse sentido que Uexkühl, num primeiro aspecto, desenvolve uma concepção da Natureza melódica, polifônica, contrapontual. (...) Essas relações de contraponto juntam planos, formam compostos de sensações, blocos, e determinam devires.” (Deleuze e Guattari, 2010, p. 238). Esse trecho poderia ser um comentário sobre “O Recado do morro”.

¹³ Conforme salientam Deleuze e Guattari, o ritmo, a arte são formas de enfrentar o caos, de traçar um plano sobre o caos (Deleuze e Guattari, 2010 p.253).

Em vez de uma escavação extrativista, que perfura em uma única direção para consagrar a vitória da mente sobre a matéria, em *O recado do morro* diferentes dobras e cores da terra afloram, compondo superfícies policromáticas sobre um fundo sem fim ou fundamento. Expressa-se uma paisagem verdadeiramente estriada por afetos, uma geologia afetiva. O que se encontra nesses estratos é uma saudade de algo por vir, uma saudade de passado e futuro, que, sobrepondo espaço-tempos¹⁴ distintos em um crescendo, constrói um vínculo definitivo entre Pedro Orósio e os Gerais. Produz-se uma relação de imanência, intensificada pela perambulação do recado, por suas traduções/traições, pela bricolagem rítmica da canção, terminando por esvaziar o plano de traição e morte, em favor de um mais-viver. Se, na canção de Laudelim, o rei morre em uma luta sangrenta, no conto, ao aterrar o pé no chão e perceber/receber o recado, Pedro Orósio derruba seus sete inimigos sem os matar. Daí em diante, inicia uma outra viagem “por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até aos seus Gerais.” (p. 70). O recado está dado: viver implica criar, compor relações afetivas e imanentes com a terra.

4. À escuta da terra: tempo de *aterrar*

Suspende-se aqui o percurso trilhado nos meandros dos contos de Doyle e de Rosa. Do centro às margens, na tentativa de uma escuta geológica capaz de favorecer novas respostas à pergunta colocada de início - *onde aterrar?* -, nos aproximamos de perspectivas contramodernas¹⁵. O recado do morro não se extingue com o final do conto. Suas dobras se fazem ainda ouvir em pleno século XXI. Por exemplo, traduzido como “recado da mata”, no prefácio ao livro *A queda do céu* (Albert e Kopenawa, 2015). Repassado por Viveiros de Castro, o recado incide sobre a necessidade de escutar as vozes da floresta e de seus inúmeros habitantes, a fim de se aprender a gerar outras conexões com a terra e com outros-que-humanos.

Como o recado sussurrado pelo morro da Garça, a fala de Kopenawa também passa por uma série de derivas atravessadas por múltiplos agentes. A começar pelos seres da

¹⁴ Cabe salientar o que propõe Anna Tsing: para habitar um mundo em ruínas, é necessário costurar as múltiplas camadas de tempo, histórias humanas e mais-do-que-humanas, numa espécie de colcha de retalhos que a autora chama de *patchy Anthropocene* (Tsing et alli, 2022, p.116).

¹⁵ Em sua leitura de *Grande Sertão: veredas*, Silviano Santiago enfatiza o aspecto crítico da obra ao projeto desenvolvimentista moderno, que tem a construção de Brasília como marco exemplar (2017).

mata, pelos xapiris com suas danças luminosas que sustentam o céu e pela tradução/traição efetuada por Bruce Albert a partir de uma convivência de mais de dez anos. Ao mesmo tempo em que se ouve a fala da floresta e a história de como Kopenawa se tornou um xamã e diplomata entre diversos mundos, ou seja, aprendeu a ver e escutar dobras e interstícios da terra, trata-se de um alerta. Pois não podemos seguir desconhecendo gritos e recados da terra. Ao modo de um xamã Yanomami e ecoando a sugestão arendtiana, precisamos sem dúvida radicalizar um *go visiting* atravessado por afetos e por uma abertura da imaginação. Nesse sentido, ao contrário da obsessão branca em sonhar tão somente consigo mesma e adorar apenas a mercadoria, talvez possamos aprender a sonhar com múltiplas perspectivas e a construir laços de dependência multiespecífica. A ficção não deixa de ser um passo nessa direção.

Para concluir, cabe ainda ouvir uma outra voz da nossa terra. Eis como Aílton Krenak, pensador indígena atento à voz da mata, dos rios e das montanhas, propaga mais um recado:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. (...) Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos terra. (Krenak, p. 21 e p. 24, 2019)

Krenak não precisou fazer todo o percurso de Pedro Orósio nem passar por sua indecisão. Tampouco precisa, como nós, aprender a fazer parentesco com outros-mais-do-que-humanos, pois estes sempre foram seus parentes. A dependência, a interligação como valor. Roteiros, roteiros ficcionais. Oswald de Andrade já chamava a atenção para a urgência do recado contido na abertura deste texto. Pois já é tempo de aterrar.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald. *Meu testamento*. In: *Obras completas de Oswald de Andrade: do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

ARENDT, Hannah. *Between Past and Future*. 1ª Edição. Nova Iorque: Penguin Books, 2006.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASSY, Bethania. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. 1ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: 4 teses. Tradução de Denise Boltman, Fernanda Ligocky, Diego Ambrosini, Pedro Novaes, Cristiano Rodrigues, Lucas Santos, Regina Félix e Leandro Durazzo. *Revista Sopro*, São Paulo, n.91, p. 2-22, Julho/2013.

Disponível em: <https://culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>

DE LA CADENA, Marisol. *Earth beings: ecologies of practice across Andean Worlds*. Durham: Duke UP, 2015.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. 3ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

DESPRET, Vinciane e STENGERS, Isabelle. *Les Faiseuses d'histoires: que font les femmes à la pensée?* 1ª Edição. Paris: Ed. La Découverte, 2011.

DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica*. Tradução de Andréa Daher. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DESCOLA, Philippe. *Para além da natureza e cultura*. Tradução de Andrea Daher e Luiz César de Sá. 1ª Edição. Niterói: EDUFF, 2023.

DOYLE, Conan. *When the Earth screamed*. In: *The professor Challenger stories*. 4ª Edição. Londres: John Murray, 1963.

GOLDMAN, Márcio. *Do outro lado do tempo: sobre religiões de matriz africana*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2023.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. 1ª Edição. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

KAFKA, Franz. *Essencial Franz Kafka*. Tradução de Modesto Carone. 1ª Edição. São Paulo: Penguin classics/Companhia das Letras, 2011.

KRENAK, Aílton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Tradução Carlos Irineu da Costa. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. *Onde aterrar?* Tradução de Marcelo Vieira. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MORIZOT, Baptiste. *Le diplomate: cohabiter avec les loups sur une autre carte du vivant*. Marseille: Edicions Wildproject, 2016.

PIGNARRE, Philippe e STENGERS, Isabelle. *Capitalist sorcery: breaking the spell*. Tradução de Andrew Goffey. 1ª Edição. Nova Iorque: Palgrave Mcmillan, 2011.

PRADO JR., Bento. “O destino decifrado: linguagem e existência em Guimarães Rosa.” *Alguns ensaios: Filosofia, literatura e psicanálise*. 1ª Edição. São Paulo: Max Limonade, 1985.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. Tradução de Ângela Leite Lopes. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

ROSA, João Guimarães. “O Recado do morro”. *Corpo de baile: No Urubuquaquá, No Pinhém*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1978.

SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade*. Recife: Cepe, 2017.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. Tradução Eloisa Araújo. 1ª Edição. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. 1ª Edição. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt, Andrew S. Matthews e Nils Bubandt. Patchy anthropocene: landscape structure, multispecies history and the retooling of anthropology. *Revista*

Current Anthropology, Chicago, n. 60, suplemento 20, P. 186-197, agosto de 2019.
DOI:/10.1086/703391.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O recado da mata”. In KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WISNIK, José Miguel. *Viagem do recado: música e literatura*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

WOOLF, Virginia. *Três guinéus*. Tradução de Tomaz Tadeu. 1ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2019.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.